

TEXTO E HIPERTEXTO: O “HIPER” DO HIPERTEXTO E OUTRAS QUESTÕES

Leia o texto abaixo e responda às seguintes questões:

- 1- Qual a motivação do autor para propor um estudo sobre o “hiper” do hipertexto, ou seja, o que o autor pretende com o texto?
- 2- Quais questões o autor discute? Enumere-as e comente-as, dando sua opinião e acrescentando ou refutando seus argumentos.
- 3- Quais os autores/obras que ajudam o autor a fundamentar sua argumentação? É possível fazer um quadro seguindo critérios de posicionamento de cada um deles?
- 4- Qual a crítica que o autor faz a respeito das mudanças de foco nas pesquisas sobre hipertexto e sobre os modismos acadêmicos?
- 5- O que ou em que as pesquisas na área de Linguística Aplicada e Linguística de Texto deveriam se ater para estudar o hipertexto? Quais questões estão em aberto, segundo o autor?
- 6- É possível fazer um quadro entre as semelhanças e diferenças entre texto e hipertexto? Discuta essa possibilidade e proponha um quadro. Acrescente uma coluna com suas próprias observações e comentários a respeito de cada item.
- 7- Acrescente seus comentários, dúvidas e interesses nesse guia de leitura.

HÁ VÁRIOS estudos que tentam explicar e definir o hipertexto, muitos deles partindo de comparações entre este e o texto impresso. Como o hipertexto eletrônico surgiu a partir das potencialidades da informática¹, muitas das tentativas de caracterizá-lo costumam relacionar-se a conceitos técnicos e à sua usabilidade, deixando de lado suas características linguísticas, quando

¹ Veja mais adiante, neste capítulo, um breve relato do surgimento do hipertexto. Observe que a *Web* funciona através de um protocolo de transferência de arquivos, que faz com que os computadores ligados na rede “se comuniquem”, que é o http, Hypertext Transfer Protocol – Protocolo de Transferência de Hipertexto.

não se preocupam em chamar a atenção para suas “possibilidades inovadoras.” Braga e Ricarte (2005) propõem uma explicação para a abrangência conceitual do termo hipertexto, lembrando que ele surge de conceitos técnicos de recuperação de arquivos digitais viabilizada por linguagens como o HTML² e o XML³ e não de reflexões linguísticas. Ao passar a ser estudado também por cientistas de outras áreas, tais como linguistas, filósofos, designers, psicólogos e educadores, entre outros, novas características foram ressaltadas. Assim, quando procuramos entender o que é o hipertexto, encontramos certa confusão - e até uma mistura - de suas particularidades linguísticas com sua usabilidade, de sua produção (design) com sua recepção (leitura e construção de sentidos). Compreendo que todos esses enfoques se complementam e se inter-relacionam, porém, creio que é necessário entender melhor o hipertexto como objeto de estudo da linguística, sua produção e recepção e sua usabilidade, esta relacionada ao hipertexto enquanto produto tecnológico. A visão que tivermos do hipertexto trará implicações aos papéis que atribuímos aos seus autores e aos leitores. Como bem lembram Braga e Ricarte (p. 3),

A generalização do termo pode levar a crer que algumas afirmações sobre construção de conhecimento em documentos hipertextuais talvez devam ser restritas a alguns tipos de hipertexto, mesmo porque os textos disponíveis na internet, por exemplo, ainda se aproximam muito dos textos impressos convencionais deixando de explorar os recursos multimodais e demais possibilidades teóricas dos hipertextos.

Perfetti, em seu artigo “*Text and Hypertext*”, publicado em 1996, numa coletânea seminal para estudos linguísticos do hipertexto, organizada por Rouet e outros, faz um apanhado de algumas das principais questões envolvendo os estudos sobre o hipertexto, muitas delas tratadas do ponto de vista linguístico, que me alertaram sobre a necessidade de refletir mais atentamente sobre o hipertexto, uma vez que muito do que eu havia lido até então havia sido publicado em revistas de divulgação científica da área da informática ou em artigos que apontavam para o hipertexto como um espaço colaborativo e democrático, repleto de possibilidades alvissareiras.

² HTML – Hypertext Mark Up Language – Linguagem de Marcação de Hipertexto.

³ XML – Extended Mark Up Language – Linguagem de Marcação Extendida.

Perfetti, ao iniciar sua reflexão sobre a relação entre texto e hipertexto, pergunta: o que há de mais além do prefixo **hiper-** no hipertexto? Ele fez um questionamento que também a mim preocupava. Para ele, o hipertexto combina o *intrigante* com o *irrelevante*. O que é *intrigante* é o fato de o texto, no hipertexto, não ser como um objeto a ser lido palavra por palavra, linha por linha, nem página por página, mas sim como um espaço que o aprendiz pode explorar. Já a parte *irrelevante* vem da tendência da pesquisa sobre hipertexto ser mais técnica do que conceitual e mais promocional do que empírica. Há ainda uma tendência, segundo ele, de se tentar convencer de que o hiper- é bom e de que o linear não é. Para Perfetti, texto e hipertexto relacionam-se de diversas maneiras, mas, segundo ele, para entender suas conexões é preciso redirecionar a questão do hipertexto versus texto para a questão do processo versus uso.

Interessante observar que o autor fala de a leitura de texto no hipertexto não precisar ser palavra por palavra, linha por linha, como se ela assim o fosse, necessariamente, no texto impresso; aliás, essa confusão é recorrente em muitos trabalhos sobre o assunto. Concordo com o autor quando critica o fato de a pesquisa sobre o hipertexto ser mais técnica⁴, até porque ele surgiu dos estudos computacionais, como vimos; e o hipertexto chegou ao grande público como novidade da Informática e não da Linguística. Creio que Ted Nelson⁵ nunca tenha imaginado as consequências linguísticas de seu *texto elástico* e as discussões que desencadearia sobre conceitos já mais ou menos aceitos pelos estudos da Linguística Textual. É, portanto, fundamental, discutir, no âmbito da linguística, sobre a relação entre texto e hipertexto, pois, o hipertexto nos faz perceber coisas no texto que antes não percebíamos e nos serve de pretexto para revermos e compreendermos melhor o que vimos chamando de texto.

Quanto ao prefixo hiper-, Perfetti, vê nele um juízo de valor agregado, talvez como reflexo do senso comum e da postura promocional criticada por ele, de que o novo é sempre melhor. Embora concordando com o autor, sua

⁴ Na verdade, os estudos sobre o hipertexto têm sido uma das grandes preocupações da Linguística atual.

⁵ Ted Nelson é um dos idealizadores do hipertexto, como veremos a seguir, neste capítulo.

resposta não me satisfaz por completo. Na verdade, ele não se refere, necessariamente, à ideia de ser superior ou melhor, como esclarecem Silva (2003), baseando-se no trabalho de Rada (1991) e também Santaella (2007), pois o termo *hipertexto* remonta à ideia do *espaço hiperbólico* criado em 1704 (Figura 1) e que foi utilizado, no século XIX, pelo matemático F. Klein para demonstrar um ramo da geometria dedicada ao hiperespaço, ou ao espaço de muitas dimensões. Dessa forma, pode-se deduzir que o hipertexto é o texto multidimensional, considerando-se o texto (impresso) como uma estrutura unidimensional.

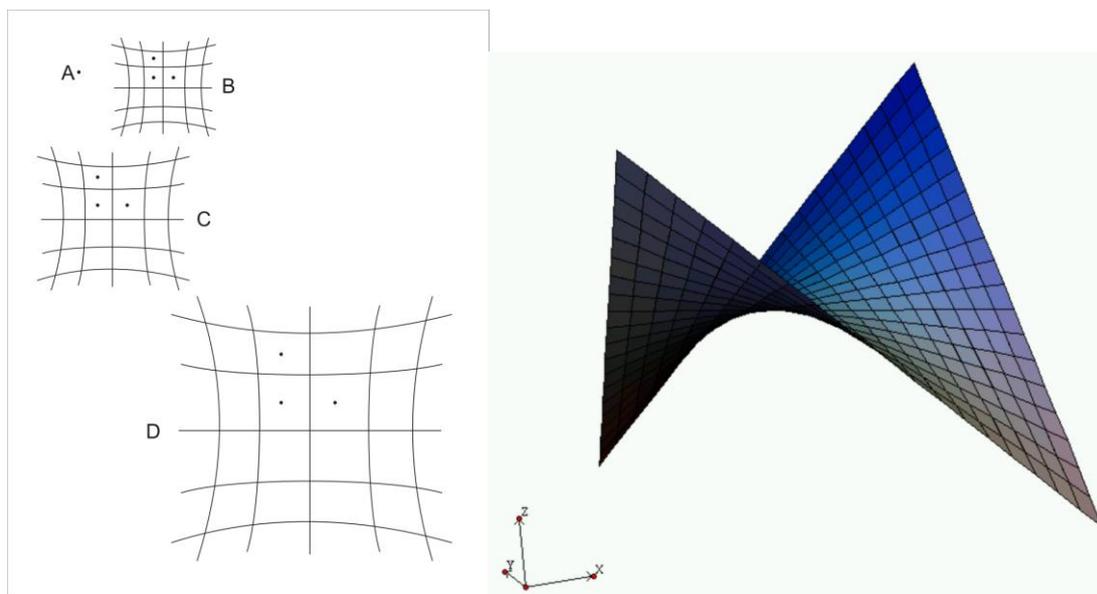


Figura1- Ilustrações do espaço hiperbólico.

Com relação à leitura de hipertextos, tomando uma atitude radical⁶ – talvez mais pertinente em 1996 - Perfetti comenta que as pesquisas sobre textos, dentro dos limites da ciência cognitiva, enfocam como os textos são processados (como, por exemplo, o conhecimento do leitor facilita a compreensão), enquanto as pesquisas sobre hipertexto têm se preocupado em estudar como ele pode ser usado (como os leitores agem em ambientes flexíveis de acesso aos textos, por exemplo). Observe-se que o autor critica a mudança de foco nas pesquisas, que se voltaram mais para a usabilidade (característica tecnológica) e não na construção de sentidos (campo da Linguística e das Ciências Cognitivas). Posição semelhante toma Miall (1998) quando diz que devemos partir do que sabemos sobre leitura e escrita de textos impressos e os processos psicológicos que as embasam para verificarmos de que maneira o hipertexto muda ou impacta esses processos. Enquanto não conhecermos bem os processos de leitura e escrita, não poderemos predizer quais serão os impactos do hipertexto nesses processos. (p.1). A preocupação com o processamento cognitivo pode ser vista também em Perfetti quando ele defende a ideia de que mais importante do que verificar quem é melhor para determinada tarefa, o texto ou o hipertexto, é mais interessante perguntar como os leitores integram as informações através de textos separados, como é o caso do hipertexto. Nesse sentido, ele argumenta que o processamento do texto implica o processo cognitivo que opera nos domínios do texto e nos propósitos do leitor; portanto, o texto pressupõe um leitor; por outro lado, o uso pressupõe um propósito que é o que motiva o leitor a acessar múltiplos textos. Nesse caso, não se processa o texto, *usa-se* o texto para algum propósito; portanto, o hipertexto pressupõe um *aprendiz* ou alguém que o use para realizar alguma tarefa. Assim, para ele, não é a diferença entre texto e hipertexto que é relevante, mas se o leitor está interessado em processar o texto ou em usá-lo. Em outras palavras, há que se distinguir se o foco está no processo utilizado pelos leitores para obter as informações ou no uso que os leitores fizeram dos textos, a serviço de seus objetivos.

⁶ Hoje esse quadro já mudou e há, na literatura atual, diversos estudos sobre a construção de sentidos em hipertextos. Veja, por exemplo, Braga (2004a, b), entre outros.

Concordo com Perfetti sobre a importância de se estudar como os leitores inter-relacionam informações em textos separados (linkados). Acredito, aliás, que aqui esteja um dos principais problemas da pesquisa sobre hipertextos: como se constrói a coerência em textos relacionados através de *links*, organizados de forma descentralizada, que possibilitam uma leitura não linear, alterando, assim, a noção de continuidade tópica, temática e de sentido.

Os comentários de Perfetti ainda me levaram a refletir sobre outra questão importante, a ideia da usabilidade, que propõe um provável novo tipo de leitor que ora é chamado de usuário, ora de navegador. Acredito, porém, que o autor exagera na distinção entre leitor e usuário pois, “usar o texto” não exclui o processo cognitivo, pelo contrário, como veremos mais adiante, neste trabalho, ele o amplia. Além do mais, o hipertexto não é exclusivo para “aprendizes” como ele sugere. Veremos, também, ainda, neste trabalho, que o processo de elaboração e escrita de hipertextos (*design*) não se separa da proposta de sua usabilidade nem da construção de sentidos, o que faz do autor e do leitor coautores.

Enquanto Perfetti opta pelo redirecionamento da questão das semelhanças e diferenças entre texto e hipertexto para as questões de uso, Rouet e Levonen (1996) partem para uma comparação entre eles, na busca de semelhanças, e retomam o percurso de muitos pesquisadores, justificando sua escolha devido à falta de fundamentação teórica disponível. (O que já deixa de ser verdade, na medida em que tem havido cada vez mais pesquisas linguísticas sobre o hipertexto). Assim, para eles, no hipertexto, as informações são colocadas em “páginas” e há também um índice. Porém, afirmam eles, as páginas num hipertexto são organizadas em rede e não sequencialmente, como ocorre nos materiais impressos, e a progressão no hipertexto é controlada pelo *usuário*⁷ e não por uma sequência predefinida pelo autor, permitindo ao leitor personalizar os caminhos de leitura. Se, como sabemos, nem todo hipertexto possui índice e nem todo leitor de texto impresso é refém da organização textual oferecida pelo autor, por outro lado, também sabemos que o meio eletrônico restringe a variedade de estratégias de leitura; enquanto

⁷ Os autores preferem o termo usuário a leitor.

no texto impresso o leitor pode ir para onde quiser, no hipertexto, ele depende da existência de links. Se no texto escrito o leitor pode aceitar passivamente a seqüência proposta pelo autor, no hipertexto o progresso depende das decisões do leitor, que ainda precisa possuir uma representação mental de como a informação está organizada. Isso nos leva de volta à questão de fundo desta tese: como o hipertexto facilita, amplia ou modifica a natureza da leitura e os papéis do autor e do leitor, ambos, agora, supostamente com “mais poderes”. O uso pedagógico do hipertexto está inteiramente relacionado com essa questão.

Ainda na busca das semelhanças, Rouet e Levonen são partidários da ideia de que não há limites entre texto impresso e hipertexto, pois os textos impressos normalmente trazem índices, gravuras, gráficos, tabelas, notas de rodapé, glossários etc., que permitem ao leitor fazer uma leitura não linear e visam facilitar a compreensão do texto, embora não possam garanti-la. Dessa forma, concluem os autores que, no tocante à linearidade, não existe uma diferença fundamental entre o texto impresso e o eletrônico, pois a linearidade pode ser introduzida em diferentes graus e níveis em ambos os meios. Rouet & Levonen creditam à usabilidade a grande diferença entre texto e hipertexto; para eles, no meio eletrônico é mais fácil para os leitores tirarem vantagem das características não lineares disponíveis, como no caso de leitores com deficiência de vocabulário ou de conhecimento prévio que podem beneficiar-se de graus de não linearidade moderados, como, por exemplo, definições *on-line* e acesso a informações adicionais enquanto leem, ou seja, a vantagem está na usabilidade.

Outra autora que busca semelhanças entre texto e hipertexto é Koch (2005), ao comparar, assim como Rouet e Levonen, as notas de rodapé e as referências feitas no texto acadêmico impresso com os links e à liberdade do leitor de um hipertexto, de interromper a leitura no momento em que quiser para ler ou consultar as notas. Da mesma forma, Koch (*idem*), analisando outros tipos de textos, tais como textos acadêmicos, notícias jornalísticas, livros didáticos, revistas de divulgação científica e, em graus diversos, para muitos outros gêneros textuais, inclusive os dicionários e enciclopédias, afirma que é

comum encontrar boxes, gráficos, tabelas, fotos e ilustrações aos quais o texto de fundo remete e que o leitor poderá ler para obter uma visão mais completa do que está acontecendo para construir a sua interpretação do fato. Nestes casos, a diferença entre texto e hipertexto “está apenas no suporte e na forma e rapidez do acesso”. Na realidade, então, o hipertexto permite ao leitor o acesso a uma quantidade praticamente ilimitada de outros textos, a partir de escolhas locais; isto é, “a partir de elementos específicos nele presentes, que se encontram interconectados, embora não necessariamente correlacionados – os hiperlinks”, conclui a pesquisadora.

Como foi dito, Koch, Rouet e Levonen enfatizam as semelhanças entre texto e hipertexto, mas há aqueles que preferem ressaltar as diferenças. A maior quantidade de informações disponíveis devido à presença dos links, à rapidez de acesso às informações e à possibilidade de combinar diversas modalidades impraticáveis no texto impresso são algumas delas. Porém, autores como Lemke (2002) são mais radicais ao apontar as diferenças. Para ele, “o hipertexto difere radicalmente do texto impresso na medida em que oferece ao leitor apenas unidades de informação com possibilidades de trajetórias e *loops* sem que haja um eixo narrativo ou argumentativo que os relacione entre si de forma sequencial”.

Dentre os pesquisadores brasileiros que têm se dedicado ao estudo do hipertexto como Braga, Marcuschi, Xavier, Coscarelli, entre outros, Marcuschi (2006, p. 186) também toma atitude radical, defendendo um ponto de vista que me parece demasiadamente amplo sobre o que é que hipertexto que, por explicar tudo, acaba não explicando nada. Para ele “o hipertexto não é um fenômeno do meio estritamente eletrônico ou exclusivamente do mundo digital [...]”. Segundo ele, vivemos imersos numa “dispersividade discursiva” dentro de uma *paisagem textual*⁸ composta por uma imensa variedade de textos que formariam um hipertexto ou pequenos textos sem fronteiras nem centros definidos; “na verdade, você não precisa entrar na internet para defrontar com um hipertexto. O hipertexto já se encontra no seu caminho diário de casa para

⁸ Itálicos no original.

o trabalho, a escola, a igreja, o dentista e o mercado, desde há muito tempo”. (idem, p.189)⁹.

Braga (2004a, p. 146) já defende uma postura mais moderada, pois, para ela, o hipertexto é uma continuidade do texto impresso; diz a autora que:

a organização estrutural do hipertexto recupera e expande formas de relações inter e intra-textuais já exploradas nos textos impressos, principalmente os de natureza acadêmica. Os recursos de escrita, como por exemplo, as notas de rodapé, as referências feitas a outros textos ou as conexões explicitamente indicadas – que convidam o leitor a adiantar ou voltar atrás na leitura de um texto específico – desempenham uma função próxima daquela a ser preenchida pelos links digitais.

No entanto, segundo a autora, há uma diferença fundamental: na tela, essas ligações vão além de expansões ou relações secundárias e passam a ser centrais na estruturação do texto.

Essa afirmação nos leva a refletir que, sendo a presença dos links um aspecto central na definição de hipertexto, e sendo os links, funcionalidades eletrônicas, o hipertexto só existe enquanto texto eletrônico (LANDOW, 1997; SNYDER, 1998), o que torna desnecessária a adjetivação hipertexto *eletrônico* e incorreta a denominação de *proto-hipertexto*, adotada por alguns autores (LANDOW, 1997), por exemplo, posto que o hipertexto nasceu com os recursos da eletrônica¹⁰.

Por outro lado, sendo o hipertexto essencialmente digital, devemos atentar para a existência de texto eletrônico que não seja hipertextual, tal como um ofício, um contrato etc. que não possua links, mas que esteja disponível em ambiente hipertextual, como um *site*, isto é, seja ele, um nó de uma grande rede, como a World Wide Web. Neste caso, tal documento não seria um hipertexto, pois mesmo podendo ser acessado através de links, ele é um “beco sem saída”, não oferece caminhos de leitura possíveis e, uma vez tendo-o aberto na tela do computador, a única maneira de retornar a um caminho na

⁹ Nancy Kaplan (2006), ao comentar sobre hipertextos eletrônicos que teriam um equivalentes impressos, fala do controle remoto e da possibilidade de acessar diversos programas de televisão, de uma maneira hipertextual.

¹⁰ Trato, neste trabalho, como sinônimos, os termos eletrônico e digital.

web¹¹ é através da seta de retorno. Portanto, os links que ajudam a caracterizar o hipertexto têm que estar no texto exercendo uma função textual e não apenas navegacional. Portanto, nem todo texto eletrônico¹² é um hipertexto, mas todo hipertexto é eletrônico.

Ainda sobre o texto eletrônico, Landow (1997) explica que os textos traduzidos, ou seja, adaptados do meio impresso para o eletrônico (de uma tecnologia para outra) podem ser de dois tipos: aqueles que preservam sua estrutura linear (axial), mas que acrescentam apêndices, comentários, críticas, variantes textuais etc. E aqueles cujo texto é concebido para a tecnologia do livro, sendo adaptado¹³ para uma apresentação hipertextual, dividido em partes (lexias), acessíveis através de links, formando uma estrutura hipertextual, sem pontos predeterminados de entrada e saída e sem limites. De fato, na internet, são encontrados textos que foram simplesmente digitalizados e também hipertextos que foram concebidos especialmente para o meio. Ainda hoje, grande parte do conteúdo da web não foi produzida especialmente para ela, não explora os recursos das modalidades expressivas de forma integrada ou a flexibilidade dos caminhos de acesso. Aliás, a web ainda hoje é logocêntrica.

O que percebemos é que as opiniões sobre as semelhanças e diferenças entre texto e hipertexto apresentam pontos de vista que revelam diferentes olhares sobre o hipertexto. Alguns pesquisadores preferem enfatizar as semelhanças (MARCUSCHI, 1999, 2005; KOCH, 2005; COSCARELLI, 2005; RIBEIRO, 2005), enquanto outros enfatizam as diferenças (KRESS, 2005; XAVIER, 2001, 2002; BRAGA, 2003; ARAÚJO; RODRIGUES, 2005). Dentre essas perspectivas, saliento a de Braga (2005), com a mais me aproximo. Para a autora, o hipertexto é o produto de uma nova modalidade linguística no meio digital que está sujeito aos limites e possibilidades inerentes ao meio. Essa posição não descarta as semelhanças, mas enfatiza a nova modalidade da comunicação feita exclusivamente para o meio digital.

¹¹ Veremos, neste trabalho, que os hipertextos podem ser abertos (na web, por exemplo) ou fechados (em CD-ROM, por exemplo), o que não invalida nossa distinção aqui apresentada.

¹² A respeito das propriedades do texto eletrônico, veja Anderson-Inman (1998).

¹³ Braga e Ricarte (2005) chamam essa tradução de retextualização.

Como o texto impresso está sujeito aos limites de seu meio de produção e de circulação, assim também está o hipertexto. Os estudos iniciais que tentaram caracterizar e compreender o hipertexto partiram dos conceitos e das práticas que trazíamos do meio impresso. Este cenário já vem sendo alterado, pois já existem, atualmente, pesquisas feitas a partir da produção e do uso do hipertexto em vários contextos, como nos mostra o trabalho de Vieira (2002) e que, certamente, alargarão as fronteiras das pesquisas linguísticas nessa área e nos ajudarão a compreender seus limites e possibilidades, como também é o caso do presente trabalho de pesquisa.

À guisa de fechamento deste item, devemos lembrar que a origem do hipertexto, enquanto conexão de vários textos através de links eletrônicos, trouxe à Linguística uma necessidade de rediscutir e rever algumas posições acerca dos conceitos de texto, textualidade, intra e intertextualidade, produção de sentido e produção escrita que, em alguns casos, nem sequer estavam perfeitamente elaboradas e concluídas no âmbito do texto tradicional. É necessário que haja ainda muitas discussões, estudos e, especialmente, experimentos na área de leitura e escrita em ambiente pedagógicos ou não, para que possamos compreender melhor o hipertexto e como se dão os processos de autoria e, de construção de sentido.

No próximo item deste trabalho tratarei das questões referentes à textualidade do hipertexto e à caracterização do hipertexto enquanto objeto de estudo da Linguística.